

# بيننا العرب

## Danças árabes DA ACTUALIDADE

QUE SABEMOS nós da cultura árabe? Eis uma das questões que o festival “Os árabes entre nós” coloca. Uma iniciativa inédita em Portugal que no que diz respeito à arte coreográfica e através de dois espectáculos distintos nos permitirá pelo menos perceber como são diversificadas e complexas as formas de que a dança se pode revestir.

Se falamos em danças árabes, podemos referir-nos às suas manifestações privadas ou públicas, às danças femininas, masculinas ou mistas, às danças berberes, às danças de transe das confrarias religiosas. Depois, há ainda que compreender como cada dança exprime as relações entre os géneros sexuais, as atitudes face à sexualidade, as influências religiosas, as dinâmicas históricas. Mas seja qual for a dança em questão,

não podemos falar, sem mais, de folclore ou de tradição.

Este festival recusa o falacioso conceito de tradição ou o polémico contemporâneo e prefere referir-se à arte e cultura árabes da actualidade. São danças da actualidade, ou da contemporaneidade, aquelas que apresentam o grupo marroquino B'net Houariyat, constituído por seis mulheres e liderado por Fatima Enmans, e a bailarina e professora de dança tunisina, instalada em Paris, Leïla Haddad. O grupo B'net Houariyat dedica-se às danças e cantos de uma região habitada pelo grupo berbere Houara. Leïla Haddad dedica-se à dança oriental (“raqs al-sharqi”). Estas mulheres têm em comum o facto de serem bailarinas profissionais e, como tal, exibirem o estatuto e papel de uma profissão estigmatizada e os efei-

tos económicos e artísticos da colonização.

O estatuto da dança feminina nos países árabes é contraditório, muito especialmente no que diz respeito à dança oriental. É que se todas as mulheres a dançam no espaço privado (a casa) ou em festas — ou melhor realizam danças sociais que têm o mesmo núcleo coreográfico que a dança oriental, como a oscilação do ventre, o tremor dos ombros e a ondulação dos braços e mãos —, a sua exibição pública como forma de espectáculo é olhada pelo poder político-religioso com desconfiança e as bailarinas são socialmente segregadas.

A dança oriental que resulta de uma mistura entre a “baladi” (termo que no Egipto se refere às danças assentes na técnica da oscilação) e as danças de variedades ocidentais, de-

senheu-se como género profissional nos cabarés que no início dos anos vinte abriram em várias cidades do Egipto para divertir os ocidentais residentes no país e a rica burguesia egípcia. A dança oriental adquiriria uma reputação negativa e passaria a chamar-se “dança do ventre”. É o valor artístico, social e de afirmação do papel feminino desta dança que a bailarina Leïla Haddad quer reabilitar. De uma dança cujos movimentos característicos se pensa remontarem a longínquos rituais de fertilidade.

**Maria José Fazenda**

### **B'NET HOUARIYAT**

Dança e canto marroquinos

6ª, 27, às 21h30.

### **LEILA HADDAD**

Dança egípcia

Sáb., 28, às 21h30.

LISBOA Grande Auditório da Culturgest.

Tel.: (01) 7905155.

